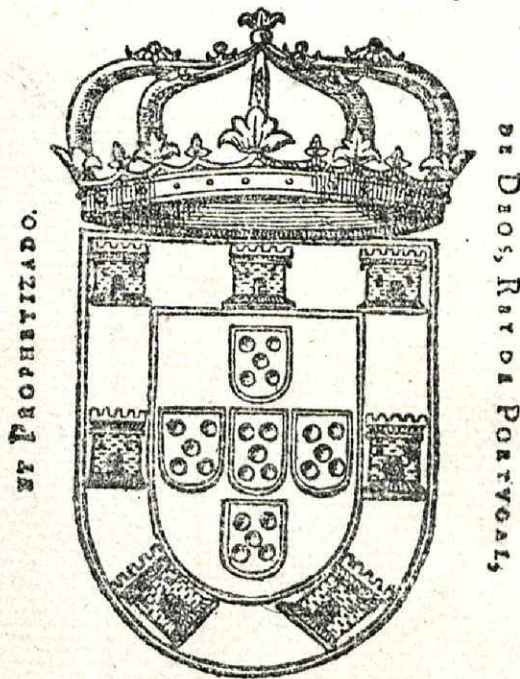


PEDRO VITORINO

O SEBASTIANISMO NA ICONOGRAFIA POPULAR

DOM SEBASTIÃO POR GRAÇA



APPARECIDO

EMPRESA INDUST. GRÁFICA DO PORTO, L.da
178, RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178

SEPARATA DE « A ÁGUA »
N.ºS 15 E 16 (3.ª SÉRIE).

O SEBASTIANISMO
NA ICONOGRAFIA
POPULAR

PEDRO VITORINO

O SEBASTIANISMO
NA ICONOGRAFIA
POPULAR

EMPRESA INDUST. GRÁFICA DO PORTO, L.da
178, RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178

Comunicação feita à *Sociedade Portuguesa
de Antropologia e Etnologia* em sessão de
26 de Fevereiro de 1923.

O SEBASTIANISMO NA ICONOGRAFIA POPULAR

EM nenhum dos estudos respeitantes à lenda sebastiânica vi ainda qualquer alusão à parte iconográfica que com ela se relaciona, interessante todavia, sob variados aspectos.

Nos dois principais livros que versam o assunto, O ENCOBERTO, de BRUNO (1904) e A EVOLUÇÃO DO SEBASTIANISMO de J. LÚCIO DE AZEVEDO (1918), apesar de serem dois trabalhos muito completos, nada se encontra neste sentido, à parte, no último, uma referência provocada já por alguns dos elementos citados. É curioso notar que o A., referindo-se a um episódio que logo indicarei, observe «que foi esquecido dos letrados visto que nenhum livro o menciona».

Isto basta para demonstrar o valor da documentação iconográfica, tanto mais para a atender, quanto até agora tão desprezada tem sido.

É pois uma modesta tentativa pela imagem que aqui me traz, convencido de que não estarei fora dos intuitos desta SOCIEDADE, apresentando-a como contribuição para estudo do povo português.

A lenda de D. Sebastião foi sem dúvida aquela que mais impressionou o espírito popular. Enraizando num fundo patriótico teve a alimentá-la todas as desditas da nacionalidade, na ânsia sagrada duma sua maior grandeza.

Da obstinação resultou a seita. Aproveitada para fins políticos de intuitos patrióticos, ao sabor dos acontecimentos, pelos anos fóra, subsistiu como uma visãoção deslumbradora, tão destituída de critério como eivada de fantasia.

D. Sebastião é, por fatalismo, uma figura de lenda. Esta envolveu-o antes de nascer. Única esperança de um povo que o acaso podia tornar escravo, o seu advento foi um prodígio. «Rei que por milagre nos foi dado» o imaginou um vate ínclito¹. Do dia em que viu a luz (20 de

¹ Das *Regras para a educação de El-Rei D. Sebastião* dirigidas em latim por Diogo de Teive a Francisco de Sá, segundo a versão portuguesa, nas citações de Bruno, no *Encoberto*, pg. 95 e J. Lúcio de Azevedo na *Evolução do Sebastianismo*, pg. 37.

Respeitadamente ao nascimento de D. Sebastião, Frei Bernardo da Cruz na *Crónica do monarca* (cap. II) diz: «... logo de noute se ordenou huma devota procissão de toda a clerezia e religiões, da Sé a São Domingos, levando nela o braço do martir S. Sebastião, o qual foi trazido a este reino de Portugal do sacco de Roma, em tempo de Clemente septimo...», «... e lhe puzerão o nome dom Sebastião, e foi o primeiro deste nome, por nacer no dia de São Sebastião, a que o povo português era mui obrigado por devoção, por Deus haver levantado a cruel e frequente peste destes reinos com a vinda do seu braço».

Janeiro) colheu o nome do santo, — Sebastião. Assim se chamou o *Desejado*, que o destino faria também guerreiro e mártir. Correu a voz, que a fantasmas e presságios funestos não poudo escapar-se sua mãe quando o houve. Tudo isto impressionára o povo.

Rei aos três anos, cedo lhe atormentaram o espírito os perceptores com as suas influências de fanatismo e de glória. Na sua inconsciência juvenil êsses preceitos transformaram-se apenas em intrepidez: parecia ser êste o seu único dever. Desdenhoso por índole, como o denuncia o sugestivo retrato de Cristóvão de Moraes do MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA, era, segundo Caetano de Sousa ¹, «de espíritos verdadeiramente reais, porque nada viu de que se admirasse».

Congeminava empresas, numa aspiração mística de glória, cujas conseqüências aterravam os circunstantes. Não atendia a advertências, «e a todos que nisso se metiam, observa Leitão de Andrade ², trombejava e fazia focinho e dava em tudo dissabores». Um fidalgo não receou mesmo dizer, àcerca dos seus propósitos arriscadíssimos, que o rei precisava de ser amarrado como se amarra um doido.

Lançou-se assim na aventura de África, com o sonho de ser rei de Marrocos, e a sua queda aí arrastára malaventuradamente um povo inteiro.

Como bem disse Camilo, D. Sebastião começou e acabou, sonhando, o seu reinado ³. As nuvens que o seu nascimento afastou volviam-se mais tenebrosas; a usurpação do trono português era inevitável. «Anteriormente a Alcácerquibir, aduz Vilhena Barbosa ⁴, essa empresa era assunto das intrigas e maquinações de Castela; e não errará sem dúvida quem atribuir todas ou quasi todas as causas, que produziram aquela catástrofe, a um plano concertado com madureza, seguido pela côrte de Madrid com pasmosa perseverança, e executado em Lisboa pelos seus agentes com tanta audácia como astúcia».

O grande receio de D. Catarina sua avó, tornára-se uma realidade. Enferma, com o desgosto da temerária empresa, quase nos paroxismos da morte ainda exclamava repetidamente:

«Oh! não passe S. A. em nenhum modo à Barberia, aconselhem-lhe

¹ *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Tom. III, pg. 595.

² *Miscelânea*, Lisboa, 1867, pg. 146.

Os actos da vida de D. Sebastião motivaram um estudo do notável médico Manuel Bento de Sousa, no seu livro *O Doutor Minerva*, onde se esboça o carácter do rei projectado à luz incerta da patologia.

³ *O Senhor do Paço de Ninães*, 5.^a ed. 1919, pg. 33 nota. Verdadeiro sonho alucinatório foi a malaventurada expedição. Como se tratasse de um torneio, tudo era riqueza e deslumbramento. Vestuários de sêda e veludo, cheios de bordados e pedrarias, armaduras luzentes incrustadas de ouro, consti uiam a indumentária comum dos cavaleiros e peões, para muitos à custa do sacrificio dos próprios bens. Despresára-se a pragmática e as prescrições do tempo impeditivas das galas do trajar. O rei dava o exemplo levando consigo a corôa de ouro, fechada, que devia cingir quando fôsse aclamado Imperador. Não faltaram festas no delírio capitoso da partida. Antes de passar à África com as suas 800 velas, D. Sebastião deteve-se em Cadiz, onde durante oito dias foi muito festejado.

O que ficou por empenhar mal deu depois, ante a crua realidade dos factos, para resgatar os míseros cativos!

⁴ *Estados Históricas e Arqueológicos*, Porto, 1875, Tom. II, pg. 113.

que não vá, que eu fiz sempre o mesmo, oh não passe, que não convém»¹.

Pobre moço, que um meio pérfido ensandecera!

«Instrumento do castigo, que Deus quis dar a êste Reyno» vislumbra-o um conspícuo autor².

O destino romântico e ignorado do rei, comoveu doloridamente a alma do povo. Suscitaram-se dúvidas àcerca da sua morte. A lenda estabelecia-se. «Em toda a parte, diz Van Gennep (LA FORMATION DES LÉGENDES)³ onde um príncipe ou um condutor de homens soube agrupar à sua roda um certo número de fieis, desinteressados ou interessados, a sua morte não foi considerada como real».

Aqui, um equívoco sucedido em Arzila avolumava a incerteza: três foragidos da batalha de Alcácerquibir, para que as portas da praça lhe fôsem franqueadas lembraram-se de dizer que os acompanhava o rei.

Contudo o mísero farrapo do seu corpo fôra encontrado nu, e um moço da sua câmara reconhecendo-o, «depois de o banhar com amargo pranto, refere Jerónimo de Mendonça⁴, despojou-se da própria camisa para o cobrir».

Mas a crença firmou-se⁵ e não faltou quem fôsse tomado ou se fizesse passar pelo monarca.

Dos quatro falsos D. Sebastião, que tiveram de se haver com a justiça, o último dêles pela circunstância de ser seu *sosie*, «foy visto e conhecido de alguns de nós pollo verdadeyro Rey Dom Sebastiam que em

1 *Varões e Donas*, Biogr. de D. Catarina.

2 *Nobiliarquia Portuguesa*, por António de Vilas Bôas e Sampaio, Lisboa, 1708, pg. 40.

3 Paris, 1910, pg. 189.

4 *A Jornada de África*, Porto 1879, pg. 99.

5 Segundo Frei Bernardo da Cruz, o Cardeal D. Henrique teve a certeza da morte do Rei por carta de Belchior do Amaral que trouxe Francisco de Sousa. *Crônica de D. Sebastião*, cap. LXXX. Várias circunstâncias, porém, são dignas de nota:

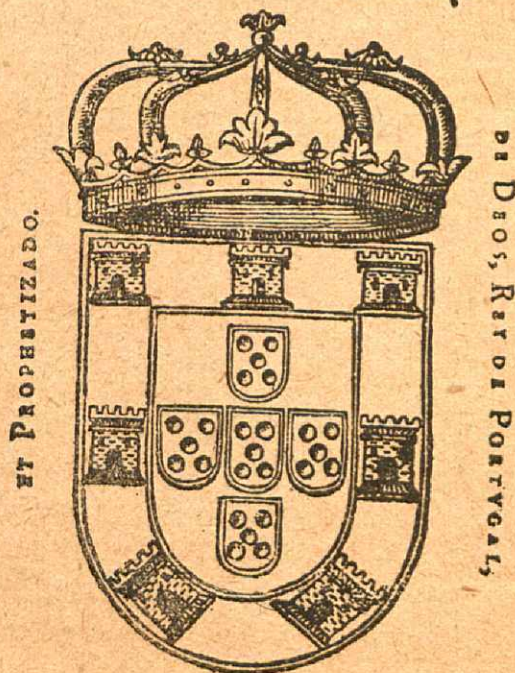
Encarregado de conduzir a prata que devia acompanhar o cadáver de D. Sebastião, foi mandado à África um moço da capela real, Francisco Vieira, o qual permaneceu em Centa quási um ano, aguardando a liquidação do negócio, o que prova as dificuldades que o revestiam. Sousa Viterbo, que cita êste facto (*Arq. Hist. Port.*, vol. I, pg. 183), comenta: «Tamanha demora contribuiu, decerto, para suscitar na imaginação do povo a suspeita de que D. Sebastião tinha desaparecido misteriosamente e não ficára morto na batalha». Barbosa Machado nas *Memórias de El-Rei D. Sebastião* refere: Quando se celebraram as eséquias do monarca (19 de Setembro de 1578) ao orador Fr. Miguel dos Santos foi occultamente dito que reparasse como prêgava porque tinha por ouvinte o rei D. Sebastião, de que resultou mandar saber do Cardeal D. Henrique se a oração havia de ser panegírica louvando aquele príncipe como vivo, ou funeral, lamentando-o como morto; e lhe foi respondido que recitasse a oração do modo que a tinha composto.

Êste frade, eremita de Santo Agostinho, tendo engendrado no Madrigal, povoação espanhola onde se encontrava, um falso D. Sebastião (o terceiro) em cujo caso envolveu D. Ana de Áustria, originou um drama em que êle foi também sacrificado e levou à prisão perpétua a crédula religiosa (1595). Nas *Lendas Peninsulares*, por José de Torres, Tom. II, Lisboa, 1861, a história *Rei ou Impostor?* romantiza êste episódio, baseando-se num manuscrito dos princípios do século XVII, pertencente à biblioteca do Escorial, obra dum jesuíta testemunha da morte do rei fingido.

São curiosas as declarações do eremita incriminado feitas perante o juiz inquiridor, em abôno da existência do rei, que se acham expressas no cap. XXI.

Africa se perdeu no anno de 1578»¹. Fazia esta afirmação em 1600 D. João de Castro, que fôra cativo em África e que se arvorou no principal paladino do Sebastianismo, depois que viu a causa do pretendente D. António aniquilada. As célebres profecias do Bandarra, sapateiro de Trancoso servem-lhe à maravilha, comentando-as no livro *PARAPHRASE E CONCORDANCIA* impresso em Paris em 1603², onde estampou as armas nacionais, envolvidas por êste dístico revelador: DOM SEBASTIAM POR GRAÇA DE DEOS, REY DE PORTV GAL, APPAREÇIDO ET PROPHETIZADO.

DOM SEBASTIAM POR GRAÇA



APPAREÇIDO

Nesse tempo ainda era verosímil existir D. Sebastião que tinha morrido aos vinte e quatro anos.

O espírito nacionalista era evidente.

Oliveira Martins ao interpretar como teoria histórica a lenda, diz:

¹ *Carta de D. João de Castro aos Lords do Conselho Privado*, segundo a cópia publicada pelo sr. Lúcio de Azevedo na *Evolução do Sebastianismo*, pg. 198.

A êste falso rei está ligado o nome do vimaranense Frei Estevam de Sampaio, dominico, patriota ardente, que se homiziou em Tolosa por ter seguido a causa de D. António Prior do Crato. Informado em 1598 de que D. Sebastião se achava em Veneza, para lá partiu, entrando depois em Portugal disfarçado a anunciar aos fidalgos portugueses que eram patriotas a existência do rei; voltando a Veneza acompanhou sempre o pretenso monarca. Entregue êste aos espanhóis foi condenado às galés e enforcado secretamente depois. A lenda sebastiânica então aceita-o completamente e diz que foi a galé em que êle remava que o levou, perseguido debalde pela galé castelhana, à sua ilha encantada. Frei Estevam, preso à ordem de Filipe IV, foi assassinado em 1603.

² *Paraphrase et concordancia de algumas Prophecias de Bandarra, çapateiro de Trancoso*, por D. João de Castro (1603). Reprodução fac-simile.

«O povo cristalizava os seus ideais, transfigurando o homem num símbolo das suas esperanças e desejos» ¹.

Esses rumores causaram uma certa agitação entre os portugueses, o que depois foi aproveitado por alguns patriotas para promover a restauração da nacionalidade. A seita dos sebastianistas datara logo do ano seguinte ao da batalha e «nascera da incredulidade sublime do povo» ².

Diz o Snr. Lúcio de Azevedo que, segundo refere D. Francisco Manuel, «à proporção dos descontentes, que fazia o govêrno castelhano, crescia o número dos sebastianistas, e que as primeiras reuniões dos conjurados para a revolução se convocaram como práticas sôbre o sebastianismo» ³.

Era crença arreigada que o rei, vindo de uma ilha deserta, montado num cavalo branco, em nevoeirenta manhã, surgiria em Lisboa para salvar o país da opressão.

Sem que êle viesse, a libertação deu-se (1640). Mas o Duque de Bragança não pôde deixar de atender a uma circunstância de monta: antes de ser aclamado teve de jurar muito a sério que entregaria o reino a D. Sebastião quando êste o viesse reclamar. «Nesse tempo, observa Pinheiro Chagas, já D. Sebastião se vivesse deveria ter 86 anos, mas a lenda prestava-lhe uma eterna mocidade» ⁴.

Deve notar-se que em face das publicações do tempo é flagrante o entendimento do clero com os sebastianistas. Sem as influências religiosas e a voz das profecias asseguradoras do triunfo, bastantes fidalgos não teriam abraçado a causa da revolução, sendo decisiva a acção do púlpito e do confessorário por se afirmar a intervenção milagrosa afiançada em Ourique a Afonso I, intervenção que devia tranquilisa-los como fiadora do futuro ⁵.

Um dos patriarcas da seita foi, com restrições, o jesuíta Padre António Vieira; no primeiro sermão que fez em sua vida, dedicado a S. Sebastião espendeu ideias sebastianistas, chegando, ainda ao desplante de dar como verdadeiras e divinamente inspiradas as profecias do Bandarra. Por isso teve de haver-se com a Inquisição.

Os entusiastas da seita tinham em grande conta as visões de Madre Leocádia, que foi religiosa no portuense convento de Monchique, onde morreu em 1686 ⁶. Uma delas aludia a um jovem revestido de soberba armadura, de cuja viseira jorrava uma luz extraordinária, o qual lhe dissêra com clareza ser El-Rei D. Sebastião.

A ideia do Encoberto e da ilha encantada, manifesta uma outra fase da lenda. Fundada no relato escrito de dois frades capuchos que vinham

¹ *Hist. de Port.*, Lisboa, 1920. Tom. II, pg. 76.

² *Hist. de Port.*, por Rebelo da Silva. Lisboa, 1869. Tom. IV, pg. 117.

³ Obr. cit., pg. 89.

⁴ *Dic. Pop.* voc. D. Sebastião.

⁵ Rebelo da Silva, obr. cit. Tom. IV, pg. 120.

⁶ A propósito de Madre Leocádia recordarei uma fôlha solta que possuo, impressa em 1749, por ordem da Abadessa do convento de Monchique, onde são exaltadas as virtudes da vidente e se pedem todas as notícias que lhe digam respeito.

do Brasil, comenta-a assim um autor setecentista: «porém todos os homens de juízo, assentão que tal ilha não houve nem há, e que de ar ou de agua a fingio o demonio nesta ocasião para enganar a sinceridade santa destes exemplarissimos Religiosos, e com o seu testemunho jurado estabelecer neste Reyno a herezia politica dos Sebastianistas, cujo alicerce he este pergaminho tão digno de riso como todos os mais fundamentos desta loucura mansa»¹.

Corriam impressos desconcertantes, tal este aqui presente² em que um marítimo narra o successo do seu patacho, abicando a uma ilha incógnita, onde um desconhecido lhe falou na língua pátria, lacrimoso e exclamativo: *Meus Portugueses, meus portugueses!* Tendo preguntado quem reinava em Espanha, e sabendo que em Castela era Carlos II e em Portugal D. Pedro II, suspirando de alvoroço disse: *E Portugal tem Rei! Oh Deus immenso, que te lembraste do teu Reino!...*

«Mostrava ardente desejo da conquista de Africa; e sempre rezava, pelos que tinham falecido nesta jornada. O viver tantos annos attribuhia à clemencia dos ares daquella Ilha; em que nunca padecera molestia; e aos que se admiravão de tanta saude, e de tanta vida sempre com o mesmo semblante, dizia: *Deus que me livrou de tantos perigos me sustenta, elle sabe-o para que*».

Na imaginação popular, ávida de maravilhoso, devia ter-se cimentado fortemente a estranha crença.

O equívoco persistia.

Uns anos antes, 1682, eram sepultados em Belém os restos mortais de D. Sebastião, acto que teve logar sem alarde, às portas fechadas.

A própria legenda aposta no túmulo vinha aumentar a confusão e avigorar essa exaltação passional colectiva:

CONDITUR HOC TUMULO, SI VERA EST FAMA, SEBASTUS.

Assim se compreende a sua estratificação nas gerações, tão entranhada e irreflectida, que nem a falta de norma das leis naturais a pôde dissipar.

Não vai longe o tempo em que havia ainda sebastianistas.

Bruno, a propósito de Oliveira Martins rememorar que conheceu, em sua meninice, um sebastianista em Lisboa, objecta: «Mais de um conheci no Porto e em certos destes era-lhe a imaginação profusa em fantasiados descritivos da ilha incognita; sempre lamentei que tais devaneios

¹ *Academia dos humildes e ignorantes*, Tom. II, pg. 383.

A ilha invisível incorporada na lenda de S. Sebastião, era um produto das fantasias medievais. No *Arg. Hist. Port.*, vol. II, pode ver-se um erudito estudo da matéria — As Ilhas Perdidas — do sr. Pedro de Azevedo.

² *Relaçam do successo que teve o Patacho chamado N. S^{ra}. da Candelaria da Ilha da Madeira, o qual vindo da Costa de Guiné no ano de 1693, huma rigorosa tempestade o fez varar na Ilha incognita. Que deixou escrito Francisco Correia, mestre do mesmo Patacho, e se achou no ano de 1699, depois da sua morte. Traslada da fielmente do próprio original. Lisboa occidental, Anno M.DCCXXXIV.*

se não imprimissem» ¹. Abona Teixeira de Aragão ter sido o último desses monomânicos um cantor da Sé de Lisboa, que na casa onde habitava, em Belém, propriedade sua, conservava uma câmara cuidadosamente mobilada, com leito de cortinas, esperando que D. Sebastião quando chegasse a Lisboa lhe fizesse a honra de ali se hospedar. E dormia numa enxerga sem quaisquer comodidades. Morreu em 1883 quasi octogenário ².

Não era a idade do ídolo obstáculo que preocupasse os crentes. «Depois de 1820, diz o Snr. Lúcio de Azevedo, há ainda quem se ocupe em derrotar o Sebastianismo, fazendo aparecer o Egregio Encoberto na pessoa de D. João VI, ao regressar do Brasil» ³. Cabe aludir a uma polémica que o *Patriota Portuense* ⁴, em 1821, inseriu, onde não há menos erudição do que ironia.

«Que impossibilidade encontra o Snr. *Aborrecedor dos Sebastianistas* em que esteja ainda vivo el-rei D. Sebastião que tendo nascido em 1554 deve ter a idade de 267 anos?» Leia as *Décadas* e a *Crónica de D. João III* e verá que ao governador Nuno da Cunha, depois da morte do sultão Badur, lhe trouxeram a Diu um mouro natural de Bengala da idade de 335 anos, a quem o governador mandou continuar com a mesada de 600 reis que lhe dava o defunto rei de Cambaia. Tinha êste mouro dois filhos, um de 90 anos e outro de 12; foi visto e conhecido por muitos portugueses de probidade em Diu e Diogo do Couto diz que êle viveu até ao ano de 1547. Ora pois, não se deve ter por impossível que viva ainda hoje el-rei D. Sebastião que se perdeu em África a 4 de Agosto de 1578; vindo a ter agora sòmente 267 anos, isto é, 68 menos que o tal mouro de Cambaia.

Em resumo, desta arte obtemperava um *Constante Sebastianista* aos reparos do *Aborrecedor*, (que a meu ver é a mesma pessoa em polémica fictícia) o qual, entre variada substância esplanava por seu turno:

«Não é mîster mendigar exemplos remotos, quando os temos de casa. Felipa Martins, nascida em Massarelos, teve de idade 104 anos; sua mãe morreu de 105; sua avó materna de 115 e seu avô paterno de 135; Catarina da Glória, religiosa no Convento de *Corpus Christi*, viveu 120 anos; e Isabel da Madre de Deus, do mesmo Convento, 115; e maior idade contou Maria Vitória, religiosa de Santa Clara, que morreu de 136 anos; por tanto, Snr. Sebastianista, é escusado que o mouro *venha à balha*».

Então, a crença sebástica definhava.

A sibilina trova de Gonçalo Anes ⁵ caía no olvido:

¹ *O Encoberto*, Porto, 1904, pg. 149.

² *Diabruras, Santidades e Prophecias*, Lisboa, 1894, pg. 145.

³ Log. cit., pg. 152.

⁴ *Jornal diário*, n.ºs 159, 168, 171, 172.

⁵ *Prophecias de Gonçalo Annes Bandarra, sapateiro de Trancoso*, Lisboa, 1911, pg. 57. Contudo no ano de 1833 Frei António *** (António do Carmo Velho Barbosa) explicou irónicamente o Terceiro Corpo das Profecias de Bandarra, escrito no mosteiro de S. João de Arnoia, não já applicadas a D. Sebastião, por haver poucos sebastianistas, mas aos sucessos da época e ao rei D. Pedro IV. Foram publicadas no Pôrto em 1852.

Quando tiverem por certo
Perdida toda a esperança,
Portugal terá bonança
Na vinda do Encoberto.

E por sua vez, em Trancoso, a apagada Méca dos Sebastianistas, o seu túmulo esquecia...

Do fogo patriótico que a alimentou, quando da invasão francesa, em 1808, restavam algumas cinzas, ainda quentes, mas incapazes de produzir chama.

A quimera evolava-se.

À trova, principal elemento de propaganda da seita nos seus princípios, sucedeu-se mais tarde a imagem, pela natural sugestão que ela exerce no espírito popular.

O prestígio da estampa não passou despercebido aos propugnadores.

Seria incompreensível não atender a essas fontes, mais fieis às vezes do que as literárias.

Alguém «já exprimiu a esperança de ser possível um dia, para certos capítulos da história moderna, desprezar inteiramente as fontes narrativas, mesmo as boas» (Ed. Fueter) ¹. Notemos o exagêro, sem pôr de parte o ensinamento.

O certo é, que, o que se acha escrito não supre uma crónica pelos olhos, bem documentada.

Tem-se feito preferentemente obra pelos livros, desprezando os materiais icónicos que não são menos importantes ². Pois uns e outros completam-se.

Os documentos iconográficos presentes, pouco copiosos, sem dúvida, pertencem quasi na totalidade ao século XIX; alguns são do anterior, havendo-os, é de crêr, mais antigos, mas desconheço-os, por não logarmos entre nós arquivo onde se possam estudar.

É tempo de percorrer a escassa galeria e de analisar os especimens que a formam.

Começemos pelo retrato de D. Sebastião (fig. 1), magnífico desenho de Vieira Lusitano gravado por Debrie (1737). Adornam-o duas das parcas da fábula, Cloto e Laquesis, achando-se omissa Átropos, que cortava o fio da existência; para o artista, por vontade ou insinuação, a terceira não tinha aí lugar. Valeu-se dela quando aludiu ao passamento de seu irmão numa bela gravura a água forte; êste sim, que o sabia morto com certeza. A legenda completa a intenção: é um verso da Eneida, de Vergílio ³, refe-

¹ *Histoire de l'historiographie moderne*. Trad. l'allemand por Emile Jeanmaire. Paris, 1914, pg. 756.

² Em abono disto vem a pêlo a seguinte observação de Ch. Le Blanc: «Événements éphémères dont les écrivains n'ont pas cru devoir conserver le souvenir, particularités ignorées, ou connus d'un petit nombre... tout est pour lui (l'archéologue) sujet de recherche et d'étude». *Manuel de l'amateur d'Estampes*. Paris, 1857, tom. I, pg. VI.

³ Livro III, verso 315. O autor da obra *Conversações sobre pintura, escultura e arquitectura*, Lisboa, M.DCC.LXXXVII, a propósito desta estampa diz de Vieira: «Parece que era Sebastianista; porque no retrato do Rei D. Sebastião desenhou só duas parcas». *Conversação V*, pg. 24, nota.



RETRATO DE D. SEBASTIÃO

(Fig. 1)

Desenho de VIEIRA LUSITANO
Gravura de DEBRIE (1737)

rente ao encontro de Eneias com Andrómaque, em que esta estupefacta ante a sua prodigiosa aparição, num arrepio, balbucia: — Sois vós próprio, que eu vejo, filho de uma deusa? vindes enviado a mim? estais ainda vivo? A que êle responde com comoção e embaraço: — Sim, eu vivo, e arrasto no meio dos revezes uma existência dolorosa: VIVO EQVIDEM, VITAM QVE EXTREMA PER OMNIA DVCO.

Siga-se-lhe a alegória estampada (fig. 2), sem nome de autor, por ocasião da invasão francesa. Nela se insere uma quadra do livro *Anacephaleoses da monarchia lusitana* pelo Doutor Manuel Bocarro Frances, reimpresso em 1809, por influência dos sebastianistas, pois que a 1.^a edição de 1624 foi mandada queimar em 1774 pela real mesa censória, o que se realizou com solenidade em auto de fé na capital.

A quadra é esta:

Na mesma confusão e nos tumultos
Deixa q, por teu Rey Victorias cantem
Que de quanto o Sol vê Netuno a barca
Será contigo Uniuersal Monarcha.

O letreiro e os dizeres esclarecem o assunto:

*O bom Portuguez ou Verdadeiro Sebastianista.
Ama a Virtude, espera a felicidade da sua Patria.*

«He Representado em hum Genio Guerreiro, tendo a cabeça coberta com o elmo da Fé: no seu peito a letra / (V) q̃. significa verdade: a Caridade sentada aos seus pés mostra q̃. faz a baze das Virtudes deste Grande Ge/nio: o Anjo tutelar o guia por seguros pazos, no terraço se vem Riquezas, q̃. este genio dedica a defeza / da sua Patria; no Ar se vem as Quinas Portuguezas, metidas em um Circulo, para mostrar q̃. são o Cen/tro de seus liaes disvellos: o ornato deste Circulo he hua Cobra, cimbulo da Immortalidade q̃. he o mesmo / q̃. dizer nunca serão vencidas».

Por êste tempo muito se discreteou àcêrca do espírito do sebastianismo, suas causas e efeitos, bem como sôbre a misteriosa ilha encoberta chamada Antilia, de S. Borondon, ou Santa Cruz. Travou-se polémica rija, por vezes azeda, que mesmo no teatro teve repercussão.

Idêntica aura de ideal reflecte a estampa intitulada *Epocas principaes da monarchia lusitana* (fig. 3) assinada com as iniciais M. G. (Manuel Gonçalves). O sub-título «um Santo Hermitão predis a D. Affonso Henriques as futuras prosperidades e desastres da Monarchia» sugere-nos logo, o livro manuscrito encontrado na biblioteca do convento de S. Francisco de Estombar, datado de 1810, de que dá notícia o sr. Paula Rocha na REVISTA DE HISTÓRIA, 1914 ¹. Dir-se-há ser a gravura adequada ao livro, tão talhante está para êle. Uma e outro, traduzem sentimentos comuns no tempo.

1 O Sebastianismo no seculo XIX. Log. cit., pg. 115.



*Na mesma Confuzão nos tumultos
 Deixa q' por tua Boy Victórias cantem
 Que de quanto o Sol v' Nitho abança
 Será sempre Universal Monarcha.*

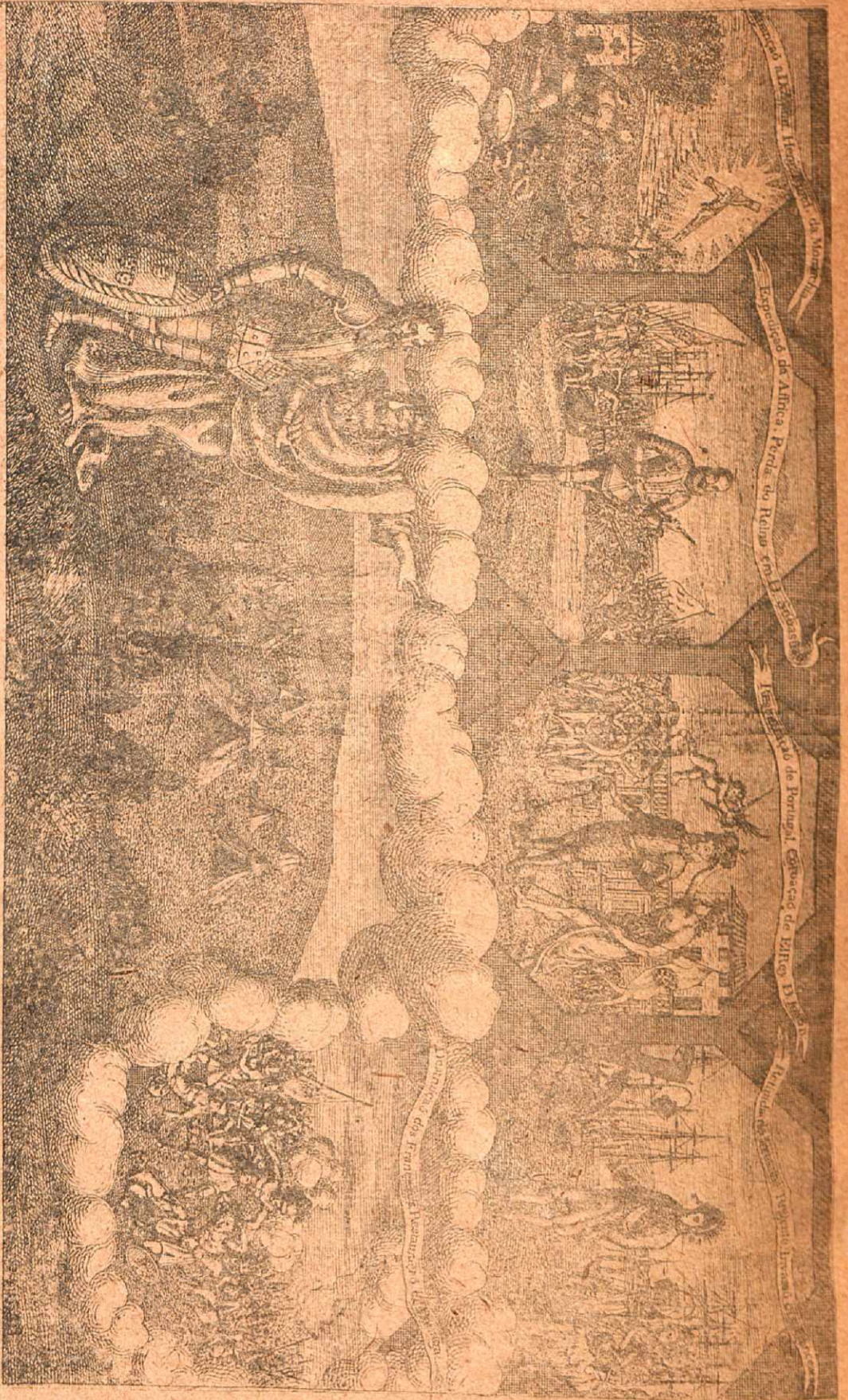
Duarte Anacrophil. 1601. 226

O BOM PORTUGUEZ, OU VERDADEIRO SEBASTIANISTA.

Ania a Virtude, espera a felicidade da sua Patria.

He Representado em hum Genio Guerreiro, tendo a cabeça coberta com o elmo da Fé, no seu peito a Liberdade, e a verdade a La coroa sentada a os seus pés mostra q' faz n'lar e das Virtudes deste Grande genio q' he o Injo de'lar e q'ua por se q'uaes fizes, notorioso se vem. Diqueres, q' este genio dedica a desferir a sua Patria, ao c' to se vem as Sarcinas, Portuguezas, metidas em hum Li rodo para mostra r q'ua e Cen- tro de suas h'as dovidas, e' ondo deste Corado he tua Coluna, a' mbulo da Immortalidade q' he o meo q' d'zer, nunca serao vencidas.

(Fig. 2)



EPOCAS PRINCIPALES DA MONARCHIA LUSITANA.
Hum Santo Hermano presidi a D. Honor. Henrique, a futura pryncipalada, e d'outros da Monarchia

(Fig. 3)

Resa o manuscrito: «Afonso Henriques afirmou, sob juramento, que lhe fôra falar um velho eremita, o qual lhe dissera que seria atenuada a sua 16.^a geração; foi-o na pessoa de D. Sebastião porque êste rei se viu vencido, humilhado, abatido, fôra do trono com a corôa caída da cabeça e o scetro das mãos e viu perdida a sua herança e êle mesmo se viu inteiramente perdido. D. Sebastião, por consequência será o pastor que conduzirá as ovelhas perdidas ao aprisco, por outras palavras, será o primeiro imperador do referido império» (português).

Uma outra gravura (fig. 4), da mesma época da Regência, tem por assunto o passo do ermitão; êste ao aproximar-se de D. Afonso solta esta frase: *Dilectus es Dno* (Domino).

Referentemente à acção dos sebastianistas contra os franceses (cuja destruição a estampa das Épocas mostra), lê-se: «os sebastianistas são os mais bravos defensores da pátria, como a experiência mostrou na sublevação contra os franceses. Não há português afrancesado que seja sebastianista».

Decerto por encontrar meio propício para o seu embuste foi que em 1813 surgiu em Lisboa um homem que se dizia enviado de D. Sebastião. Assim no-lo mostra a estampa (fig. 5) que perdura o facto, com o seguinte elucidativo letreiro:

Retrato do Suposto Enviado d'Elrei D. Sebastião preso por hum Furriel da Policia de Lisboa no dia 18 de Agosto de 1813 e remetido para o Hospital dos doudos nova e fielmente, Segundo original.

«Trajava de mouro. Sôbre o peito, num rótulo, estas palavras de uma cabalística incoerente: TERRA, VERDADE, PODER, HONRA, SANTIDADE, VIDA, SAUDE, FORMUSURA, LONDADE, CONHECIMENTO, RAZÃO DA LEI; e por debaixo, lateralmente, em duas métopas, um alfange, encimado com o trissílabo VERDADE e ao lado direito, uma cruz grega coroada com a palavra HONRA»¹.

Da impressão causada nos espíritos é prova bastante a estampa popular, já novamente reproduzida, e a divulgação da estranha personagem de que se encarregaram os ceramistas.

Há uma estatueta (fig. 6) no Museu Municipal do Pôrto (coleção Vitorino Ribeiro) que a reproduz, obra dum coroplasta de Gaia, decorando também um prato (fig. 7), tal a estampa, que pertenceu ao falecido arqueólogo José Queirós, de Lisboa².

¹ O último enviado, por Emanuel Ribeiro, na revista *Limia*. Viana-do-Castelo, série 2.^a, tomo I, n.ºs 7-8, 1911.

² Vide *Cerâmica Portuguesa*, Lisboa, 1907, pg. 115. O A., equivocadamente, diz representar a figura «um espião disfarçado com traje de mulher preso no campo de operações por enviado de D. Sebastião, quando é, sem dúvida, o louco que em 1813 se fazia passar tuenses, foi ultimamente adquirido pelo Museu Municipal do Pôrto.

Quando da primitiva publicação do estudo «A Evolução do Sebastianismo» no *Arquivo Histórico Português*, vol. X, 1916, foram insertas duas gravuras acompanhadas do seguinte esclarecimento, em nota: «As estampas do prato e estatueta, que acompanham o presente trabalho, são feitas por fotografia directa das peças originaes, na coleção do Sr. José Queirós, a quem o autor deve a notícia delas e dos factos com que se relatam».

Parece depreender-se daqui que ao autor da *Cerâmica Portuguesa* se deve a esplan-



(Fig. 4)



O SUPOSTO ENVIADO DE D. SEBASTIÃO
 PRESO PELA POLÍCIA (1813)

(Fig. 5)

É este o episódio «esquecido dos letrados» a que aludi no comêço. O erudito escritor sr. Lúcio de Azevedo, que conhece profundamente o assunto, não o viu nunca citado, enxergando-o através do citado artigo de meu irmão Emanuel Ribeiro, inserto na revista *Limia*.

Tal caso é uma prova irrefragável do valor da documentação iconográfica.

Miravam os sebastianistas um império português que durasse até ao fim do mundo, afirmando a propósito: «Cristo disse a Afonso Henriques: — Eu sou o fundador e distribuidor dos reinos e dos imperios e quero em ti e em teus descendentes fundar para mim um imperio por cujo meio seja meu nome publicado entre as nações mais remotas»¹.

O seu patriotismo, acrisolado com a visão de Ourique, nunca esquecia o fundador da nacionalidade portuguesa, (que por armas escolheu as quinas em memória das cinco chagas), exaltando-o, por isso, sempre com ardor.

A estampa que representa Afonso Henriques vitorioso (fig. 8), trabalho do artista Cor, tem a data de 1747, quando pela segunda vez se tentou a sua beatificação.

Rematarei o grupo, com uma composição alusiva à Restauração de 1640 (fig. 9). Formam-na dois recortes duma estampa sebastiânica (que infelizmente na integridade desconheço) ligados a um escudo português com a corôa da Casa de Bragança. Uma das figuras, por certo uma vidente, tem a legenda IN DECIMA «SEXTA» GENERATIONEM, achando-se a outra, que representa a justiça assim etiquetada: ET JUSTITIA DE COELO PROSPEXIT; ao lado D. Afonso Henriques de joelhos perante o Crucificado que lhe dirige estas palavras: RESPICIAM ET VIDEBO. Esta composição, obra singular de algum patriota, está colocada no verso dum retrato de D. João IV.

Iconografia mesmo ao vivo foi aquela a que o Pôrto assistiu como divertimento de entrudo em 1857, cavalgada aparatosa e opulenta que simulou o desembarque em Miragaia do Encoberto, vindo do Vale de Amores em barco, com o seu cortejo de fidalgos portugueses e tropas marroquinas. Grande multidão se aglomerava na tarde de 22 de fevereiro para presenciar o espectáculo magnífico. «Disse-se, e o *Nacional*, lançou o boato, refere Alberto Pimentel², que a cavalcada estivera a pique de ser proibida a pedido de uma *fôlha canônica*. Basta esta circunstância para dar ideia do respeito do Pôrto, naquele tempo, pelas ideias antigas incluindo o sebastianismo». Houve quem não levasse a bem o cortejo e pretendesse metê-lo a ridículo, satirizando-o com uma versalhada que três grotescas figuras, montadas em jumentos, espalhavam.

ção do significado dessas interessantes peças. A verdade é que no seu livro (1907) José Queirós não se refere à estatueta, e ao prato dá a interpretação acima transcrita, que só aparece modificada no seu verdadeiro sentido, como descoberta, após a revelação da *Limia* (1911) feita insofismavelmente no *último e virado* em face da curiosa gravura.

¹ *Rev. de Hist. Log.* cit., pg. 117. Isto relaciona-se com o simbolismo da bandeira que levava D. Sebastião «a qual tinha por divisa a figura do crucifixo e da outra parte hua coroa de emperador de marrochos». *Subsídios para a história vimaraueuse no Tempo do Prior do Crato*, publicados por João de Meyra, Pôrto, 1908, pag. 24.

² *O Pôrto há 30 anos*. Porto, 1893, pg. 177.



(Fig. 6)

ESTATUETA EM PÓ DE PEDRA

Fábrica do Cavaquinho

Belo exemplar, presumivelmente do barrista JOÃO JOSÉ BRAGA

MUSEU MUNICIPAL DO PORTO



(Fig. 7)

PRATO DE FAIANÇA

Decoração policroma — Fabrico portuense (?)

MUSEU MUNICIPAL DO PÔRTO

Como não ficaram fixados pela imagem quaisquer aspectos, contemo-nos com as fôlhas volantes, em prosa e verso, então distribuídas, que aqui, por curiosidade, se acham juntas ¹.

Bem mais longa deve ser a série iconográfica da grande lenda messiânica que o espírito português com tanto misticismo acalentou, razão porque êste trabalho não passa dum bosquejo desprezencioso, a que só o facto da existência dos exemplares na colecção de meu pai, o pintor Vitorino Ribeiro, deu origem.

¹ Em número de sete, incluindo um programa. Nelas esfusia a boa graça portuguesa que os nossos avós tanto cuidaram de cultivar.

Eis um dos trechos poéticos:

Haja paz, seja êste dia
De memória e festival;
Nosso Rei o DESEJADO,
Ei-lo já em Portugal.
Dígam lá que as profecias
São mentiras, são manias
Para os povos enganar;
Digam mais; mas sim em vão
Que EI-Rei D. SEBASTIÃO
Não nos torna a governar!

Do grupo oposicionista destacarei as quadras:

EI-REI D. Sebastião
Já nem serve p'ra espantalho,
É uma múmia, não se vê
Nem a toque de chocalho.

Lá da tal ilha encoberta
Volta agora de carêta!...
Ora, adens! cebo de grilo!
Ninguém engole essa pêta!

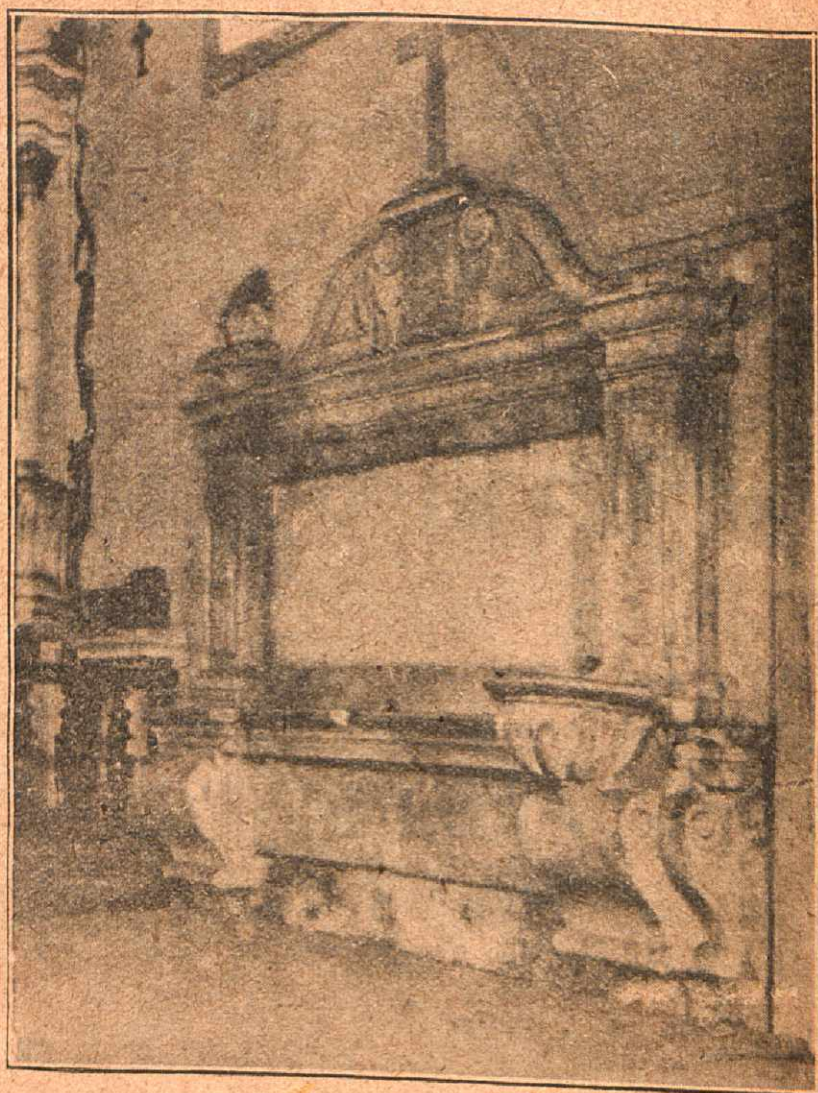
Está tudo embasbacado!
Bôcas abertas são mil!
Mas o rei do nevoeiro
Hão de vêr... por um funil.



(Fig. 8)



(Fig. 9)



(Fig. 10)

TÚMULO DE BANDARRA, EM TRANCOSO

Tinha a seguinte inscrição mandada picar por ordem da Inquisição no tempo do Marquez de Pombal:

AQVI JAZ GONÇALO ANES BANDARRA
 QUE EM SEV TEMPO PROPHETISOV A RESTAVRAÇÃO DESTE REINO
 E D. ALVARO ABRANCHES LHE MANDOV FAZER
 SENDO GENERAL DA BEIRA
 ANNO DE 1641

(Bandarra faleceu pouco depois de 1556)

Fotogr. do Sr. ELEUTERIO CERDEIRA

Outros, dotados de maiores recursos, prosseguirão na tarefa. O motivo sobeja em atractivos, não faltando até a sentimentalidade da raça a envolvê-lo.

«Ninguém acredita já que D. Sebastião, pondera o Snr. Lúcio de Azevedo, venha a ressuscitar; mas poder-se há dizer que desapareceu de todo o sebastianismo? Nascido da dôr, nutrindo-se da esperança, êle é na história o que é na poesia a saudade, uma feição inseparável da alma portuguesa»¹.

Mesmo um ilustre poeta contemporâneo afirma «que se restabeleceu em Portugal o culto do Encoberto, — a aspiração que significa, não o amor parado do passado, mas exalta na sua expressão mística a *Eterna Esperança!*»².

Supremo devaneio, no dito de Aristóteles, de quem sonha acordado!

¹ Log. cit., pg. 6.

² DIÁRIO DE NOTÍCIAS, de 28 de Abril de 1920. *Literatura de ontem, de hoje e de amanhã*. Depoimento de Afonso Lopes Vieira.